



## ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO: A ATUAÇÃO FEMININA ENTRE A RUA E A FAMÍLIA NAS FILEIRAS INTEGRALISTAS NA CIDADE DO RECIFE (1932-1937)

Helisangela Maria Andrade Ferreira<sup>1</sup>

### RESUMO

Os espaços público e privado são lugares pré-estabelecidos pela sociedade para os sujeitos. Em meados de 1930 a rua era tida como imprópria para o sexo feminino. As militantes integralistas ultrapassaram as barreiras do privado e foram as ruas discursar à respeito de seus lugares na sociedade. Mostrar o trabalho destas mulheres dentro dos núcleos da AIB, conhecer o papel e o lugar que elas ocupavam dentro das famílias durante as atividades e relacionar a ação assistencialista no campo da cultura, da saúde e da educação são nossos objetivos. Sendo a Ação Integralista Brasileira um dos primeiros movimentos a ter mulheres em suas fileiras na condição de militantes, pretendemos mostrar que o Integralismo foi um movimento que priorizou a família e, por isso, criou um lugar de destaque para as mulheres. Partimos das análises de teses e dissertações que prestigiasse o tema proposto de pesquisa, sendo construído um caminho do que seria a Ação Integralista Brasileira e sua atuação no estado de Pernambuco, especificamente o Recife. O segundo passo foi a pesquisa documental na Fundação Joaquim Nabuco, Arquivo Público Jordão Emerenciano (APEJE) – DOPS e Biblioteca Pública do Estado onde foi feita uma pesquisa por jornais, periódicos e prontuários que viessem a responder as perguntas propostas na pesquisa. Ao analisar os jornais da década de 30 nos deparamos com a divulgação de comícios e reuniões integralistas, com dados sobre os núcleos femininos. No *Diário do Nordeste* uma militante integralista na cidade do Recife, discursa para a classe operária, notam-se palavras de lamento devido à necessidade das mulheres irem às ruas, pois, isso seria a decadência da estrutura familiar.

**Palavras-Chave:** Mulher, Discurso, Assistencialismo.

### ABSTRACT

The public spaces and private places are pre-set by society for the subjects. In mid-1930 the street was regarded as inappropriate for females. The Integralists militants raised the bar of the private and gained the streets to speak about their place in society. Show the work of these women within the nuclei of the IBA, to understand the role and the place they occupy within the family during the activities and relate the welfare action in the field of culture, health and education are our goals. Being the integral action the first Brazilian movement to have women in the ranks of militants in the condition, we intend to show that the IBA was a movement that prioritized family and therefore created a special place for women. We analyzed theses and dissertations that attended the proposed topic of research, to build a way of what would be the Integralist action and its performance in the Brazilian state of Pernambuco, Recife specifically. The second step was to document retrieval in the Joaquim Nabuco Foundation, the Jordão Emerenciano Public Archives (APEJE) - DOPS and the Public Library of the State in which a survey was done by newspapers, periodicals and charts that were to answer the questions posed in the survey. In examining the papers of the 30s decade we face the dissemination of rallies and meetings entirely with data on female nuclei. In Nordeste Diary a

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em História – DHIS – UFRPE. E-mail: helly\_andrade@hotmail.com. Pesquisa financiada pela Facepe/CNPq. Pesquisa orientada pela Doutora Giselda Brito Silva, Professora Adjunta do Curso de Licenciatura Plena em História e do Mestrado em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco.





female militant of Recife city, speaks for the working class, we note a word of lamentation because of the need for women to go to the streets, because that would be the decay of family structure.

**Keywords:** Women, Discourse, Welfare.

## INTRODUÇÃO

Os conceitos de público e privado delimita a rua como espaço, onde o indivíduo é visto e ouvido por todos e o lar como sendo o local de interesse pessoal destinado à privacidade. Os locais públicos eram tidos como perigosos para a presença feminina e não poderiam estar tão expostas dessa maneira. Algumas mulheres enfrentaram essas barreiras e reivindicaram sua participação na sociedade, queriam ser vistas e ouvidas por todos. Esse não foi o caso das mulheres integralistas que apesar de transitar entre o público e o privado, defendiam para a mulher um modelo tradicional de mãe, esposa e dona de casa. Nas ruas, legitimavam o discurso conservador para a mulher de que eram importantes na construção da nova nação desde que não se esquecessem da sua verdadeira vocação. Nos espaços privados havia a manutenção da ordem integralista através de estudos, conferências e atividades educadoras para que a mulher não estivesse ligada as futilidades do mundo. O trabalho era permissível, desde que a moral e os bons costumes fossem mantidos. Para Plínio Salgado a mulher seria um ser impulsivo, atraída pela novidade e com isso poderia entregar-se tanto para o bem como para o mal. Sendo assim, a religiosidade deveria ser mantida, pois, seria importante para manter a mulher longe de tais perigos. A política era discutida e exercida pelas militantes que estavam a frente dos núcleos femininos. Elas desempenhavam um papel importante para a sociedade da época. Conscientizavam as mulheres dos cuidados com a mente e o corpo e principalmente com o marido e os filhos. A partir de seus lugares sociais, as militantes do Sigma legitimavam o discurso de dominação, o que não significa dizer que foram subservientes a doutrina integralista.

A noção de espaço público e privado remonta a Grécia Antiga, onde eram bem delimitados. A praça pública, local onde se discutia política e exercitava-se a cidadania. O espaço privado era o lar considerado local sagrado, onde às leis eram ditadas pelo chefe da família. Esse habitado pelos excluídos da vida pública: escravos, mulheres e comerciantes.

Arendt (2007) afirma que a esfera pública é considerada a esfera do comum, onde o indivíduo exerce sua liberdade. De acordo com Arendt (2007, p.61) “O que a esfera pública

considera irrelevante pode ter um encanto tão extraordinário e contagiante que todo um povo pode adotá-lo como modo de vida, sem com isso alterar-lhe o caráter essencialmente privado.”<sup>2</sup> Para o homem a convivência em sociedade, era o local de discutir ideias, convencer através da retórica. Exercer papéis que não eram permissíveis na esfera privada.

A esfera privada remete a propriedade e a vida em família. Segundo Arendt quando o indivíduo habita o espaço privado não será mais visto e ouvido por todos como acontece nas instâncias políticas. O interesse pessoal ganha espaço, com o advento do cristianismo o lar passa a ser considerado local sagrado, onde o homem deveria partilhar a harmonia e o amor a seus familiares.

Tanto o público, quanto o privado são lugares pré-estabelecidos, sendo considerada a rua para os homens e o lar para as mulheres. A vida política se desenrolava nesses espaços considerados genuinamente masculinos, sendo a vida doméstica considerada “natural” para as mulheres. Segundo Perrot (2005, p. 457) “As donas-de-casa dirigem a sua gente, seus filhos e a criadagem, construindo uma cultura da reprodução muito coerente que dá seu sentido ao menor detalhe (a costura, por exemplo)”.<sup>3</sup>

Em 1930 apesar de haver algumas mulheres nos espaços públicos exercendo atividades masculinas, a sociedade ainda é muito conservadora e católica. Havia uma influência religiosa marcante na sociedade recifense. Os costumes eram essencialmente conservadores nos jornais da época e as colunas destinadas às mulheres tratavam dos cuidados com a casa, receitas de bolos e moda. No Diário de Pernambuco<sup>4</sup>, a coluna Femina, destaca: como as mulheres devem tratar seus criados, um poema intitulado conselhos ao meu filho, moda atual e estrelas de cinema. Notamos que a temática é voltada para os afazeres domésticos. Vale ressaltar que muitas dessas colunas eram escritas por mãos masculinas.

Muitas mulheres escapavam a esse modelo vigente e reivindicavam sua participação nos espaços públicos queriam ter direito a vida pública, começando pelo voto. Esse foi o caso da pernambucana Celina Nigro, a primeira eleitora do estado. O governo provisório concede a mulher o direito ao voto. Segundo o Diário de Pernambuco “Em Pernambuco, a primeira representante do belo-sexo que solicitou a sua admissão no alistamento eleitoral do Estado foi

---

<sup>2</sup> ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 10ª edição.

<sup>3</sup> PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

<sup>4</sup> **Diário de Pernambuco** - Quarta feira, 1 de janeiro de 1930.

a aplaudida virtuose do canto senhorita Celina Nigro que acha qualificada desde 28 de dezembro ultimo.”<sup>5</sup>

O fato de algumas mulheres estarem nas ruas era considerado por muitos como um absurdo. A própria legislação apoiava o homem nesse controle sob a mulher, Borelli (2010, p. 109) afirma: “Significamente, a esposa não podia fazer uso de sua força de trabalho sem a autorização do marido, visto que, o contrato garantia a ele o direito de dispor sobre este ‘bem’”.<sup>6</sup> O casamento trazia para o homem o controle da vida da mulher, ditando quais locais ela deveria frequentar.

As mulheres que ocupassem os espaços públicos eram difamadas, vistas com “maus olhos” pela sociedade. Segundo Rago (2004, p. 31)

“Mulheres Públicas”, até então, era sinônimo de “mulheres alegres” ou de “mulheres da vida”, e todas essas expressões, apenas sussurradas, longe de remeter às imagens positivas que insinuam, nomeavam as prostitutas, “esgotos seminais”, na triste e misógina definição de Santo Agostinho”<sup>7</sup>

Muitas mulheres por necessidade tinham que trabalhar e trazer o sustento para seus lares, sendo sujeitas a todo tipo de assédio. Não havia o respeito pela mulher no ambiente de trabalho, havendo assim a inviolabilidade dos seus direitos. As fábricas eram geralmente os locais que essas mulheres de origem humilde ganhavam seu dinheiro.

As mulheres integralistas fizeram parte da AIB<sup>8</sup>, nas esferas públicas tanto praticando o assistencialismo como discursando. Para Plínio Salgado a mulher seria considerada um dos pilares na construção desse novo modelo de nação. Sabe-se que o discurso cristão afirma que o corpo feminino tinha a obrigação de procriar, de dar luz a filhos saudáveis e com isso a mulher passa a ter seu papel definido que seria o espaço privado, segundo Priore (2009, p.23)

<sup>5</sup> **Diário de Pernambuco** – Sexta-feira, 6 de janeiro de 1933.

<sup>6</sup> BORELLI, Andrea. **Uma cidadã relativa**: As mulheres, as questões de gênero e o direito brasileiro – 1830 – 1950. São Paulo: DC&C Empresarial. 2010.

<sup>7</sup> RAGO, Margareth. **Ser mulher no século XXI ou carta de alforria**. In: \_\_\_\_\_ VENTURI, Gustavo. RECAMÁN, Marisol. OLIVEIRA, Suely de.(Orgs.) *A mulher brasileira nos espaços público e privado*. 1ª edição – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. P. 31-41.

<sup>8</sup> A Ação Integralista Brasileira foi um movimento criado por Plínio Salgado em 7 de Outubro de 1932 na cidade de São Paulo, onde para melhor expor suas ideias lançou um manifesto, conhecido como Manifesto de Outubro. Movimento que abrigava em suas fileiras a classe média urbana, em geral estudantes e intelectuais que através de bandeiras conclamavam a população a fazer parte desse movimento inovador. A AIB chega a Pernambuco e rapidamente se espalha pelo interior do estado, sendo lançado um manifesto na Faculdade de Direito do Recife “A mocidade nordestina de modo algum poderia ficar indiferente. E muito menos alunos da Faculdade de Direito do Recife. Esta escola, que certa vez ouviu proclamar a morte da metafísica (...) precisa torna-se uma célula vivíssima desse grande movimento de renovação política social e espiritual.” – **Diário de Pernambuco** – Quinta-feira, 24 de Novembro de 1932.



[...] “o longo processo de domesticação da mulher no sentido de tomá-la responsável pela casa, à família, o casamento e a procriação, na figura da ‘santa-mãezinha’.”<sup>9</sup>

Esse modelo perfeito de mulher atendia aos moldes da época, tanto para a sociedade como para a igreja e principalmente para os indivíduos que faziam parte das fileiras do Sigma<sup>10</sup> que na sua maioria eram cristãos de famílias tradicionais que defendiam uma conduta susceptível com a ética e a moral cristã.

Sendo a AIB um movimento pautado na tradicionalidade a rua era tida como local impróprio para o sexo feminino salvo algumas condições. A militante integralista poderia ir a público legitimar que o papel da mulher seria em casa, através de discursos onde havia a negação da mulher moderna e a exaltação da mulher tradicional.

Havia casos de mulheres que tinham que trabalhar por necessidade, seja para ajudar no sustento da família ou na criação dos filhos, eram permitidas que fossem aos ambientes de trabalho sem esquecer-se da sua vocação natural, alertava Plínio Salgado. Segundo Salgado (1947, p. 107)

Desabituada do carácter e missão que lhe são próprios, a mulher deixa de considerar o lar como o centro de sua atividade principal e ambiente de seu domínio afectivo; passa a viver mais na rua do que em casa: não sente o delicado prazer da vida no remanso fecundo e cheio de misteriosos encantos do recolhimento doméstico.<sup>11</sup>

Para o chefe do movimento a mulher nasceu com o caminho traçado e seria um ser pleno exercendo a maternidade e sendo rainha do lar. Devemos ressaltar que em meados de 1930 esse modelo de mulher fazia parte da cultura, era algo rotineiro o casamento e consequentemente os filhos.

As mulheres podiam estudar a própria AIB proporcionava aulas de diferentes matérias, havia a divisão de estudos que oferecia cursos de Filosofia, Pedagogia e Sociologia. A divisão de Educação<sup>12</sup> orientava-as nos seguintes setores: Alfabetização, Enfermagem, Puericultura, Datilografia, Culinária, Corte e Costura, Boas Maneiras, Contabilidade Caseira e Economia Doméstica.

<sup>9</sup> PRIORE, Mary Del. **Ao Sul do Corpo**: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

<sup>10</sup> A AIB também chamado de movimento do Sigma devido ao uso do símbolo matemático que corresponde no nosso alfabeto a letra S que seria a soma estando presente na bandeira e no distintivo integralista no sentido de integrar as forças sociais.

<sup>11</sup> SALGADO, Plínio. **A Mulher no século XX**. Porto: Livraria Tavares Martins, 1947.

<sup>12</sup> **Prontuário Funcional N° 5996**. Arquivo Público Jordão Emerenciano – DOPS – PE.



Através de solenidades integralistas as mulheres ocupavam os espaços públicos. Nos jornais pernambucanos suas atividades eram divulgadas, discursos proferidos onde defendiam a bandeira integralista. As militantes precisavam autenticar sua posição política pertencente, por falarem no papel de integralistas, algo contrário a isso, implicaria em punições. Estamos revisitando esses espaços onde a mulher foi participante desse movimento cultural e político. Seus locais de vivência dando voz a sujeitos que fizeram parte do movimento do Sigma e que através de documentos precisam ser vistos e retratados. Segundo Perrot (2005, p. 11):

Porque elas aparecem menos no espaço público, objeto maior da observação e da narrativa, fala-se pouco delas e ainda menos caso quem faça o relato seja um homem que se acomoda com uma costumeira ausência, serve-se de um masculino universal, de estereótipos globalizantes ou da suposta unicidade de um gênero: A MULHER.”<sup>13</sup>

Nas pesquisas de gabinete as mulheres estão presentes nas entrelinhas em muitos documentos históricos, subjugadas as mãos dos que detinham o conhecimento: os homens. Fazer uma história da mulher é lidar com a escassez de fontes, tanto públicas quanto privadas, podendo tecer o caminho percorrido nos bastidores que seriam as cartas e diários que eram comuns entre as mulheres de classes abastadas.

Lídia Possas (2004) em “Vozes femininas na correspondência de Plínio Salgado”<sup>14</sup> faz uma análise das correspondências que eram redigidas pelas militantes e de como esses relatos tem a dizer sobre o universo feminino e suas relações no movimento. Onde, muitas vezes, na análise identifica-se que o público se unia ao privado. Muitas adquiriam visibilidade, pois discursavam e eram mencionadas em jornais da época “a companheira Anita Pires se manifesta em um comício em Casa Amarela profligou em linguagem veemente os torpes processos que veem sendo postos em pratica pelo comunismo, na sua campanha nefasta contra a nação”<sup>15</sup>.

O mundo do trabalho também já era comum para muitas mulheres tanto solteiras como casadas, mas constantemente eram rechaçadas como aponta Rago (1985, p. 68) “a preocupação dos jornais operários ao retratarem as condições de trabalho da mulher atém-se,

<sup>13</sup> PERROT, Michelle. **As Mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: Edusc, 2005.

<sup>14</sup> POSSAS, L. M. V. **Vozes femininas na correspondência de Plínio Salgado** (1932-38). Escrita de si, escrita da História. Â. d. C. Gomes. Rio de Janeiro, Editora da FGV: 2004 p. 257-277.

<sup>15</sup> **Jornal Açã**. Quinzenário da propaganda integralista. Recife, 14 de Outubro de 1934.

portanto ao aspecto moral da relação de dominação exercida no interior da fábrica”<sup>16</sup> muitas eram exploradas pelos patrões e mal vistas na rua pela sociedade.

As verdadeiras rainhas do lar não deveriam trabalhar, salvo algumas profissões. Segundo Plínio Salgado, a educação deveria ser estendida à mulher para que a mesma educasse seus filhos e melhor dirigisse o seu lar. Devemos ressaltar que as militantes do sigma não são desprovidas de poder. Elas o fazem a partir do seu lugar social, como aponta Certeau (1998, p. 101) “Tem que utilizar, vigilante as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Ai vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia”<sup>17</sup>, as representações do feminino se moldam e criam formas de resistência.

As relações de poder permeiam os sujeitos, tanto no público como no privado formando assim uma rede como defende Maia (1995, p. 88, 89) “Rede esta que permeia todo o corpo social, articulando e integrando os diferentes focos de poder (Estado, escola, prisão, hospital, asilo, família, fábrica, vila operária etc.) que se apoiam uns nos outros”<sup>18</sup>. Entendemos que para a Ação Integralista Brasileira, o corpo seria local de enunciação. Onde os sujeitos seriam representados através da sua conduta e, principalmente, moral, pois, havia um ritual de representação dos símbolos do movimento e a militante deveria corresponder ao discurso político e principalmente religioso.

Joan Scott, historiadora feminista, uma das referências em estudos de gênero, publicou um artigo que ainda hoje serve de base para muitos historiadores compreenderem melhor o que seria gênero abarcando diversas correntes teóricas. Para Scott, os historiadores reconheceram que deveria ser escrita uma história das mulheres, mas posteriormente houve um confinamento desses estudos, como se essa história fosse separada. “Gênero deveria ser posto em categoria de análise”<sup>19</sup> (SCOTT, 1990, p. 74). O termo gênero foi empregado como sinônimo de mulheres, tendo gênero um caráter menos político, enquanto história das mulheres carrega uma responsabilidade maior. Como apresenta Scott:

Enquanto o termo “história das mulheres” proclama sua posição política ao afirmar (contrariamente às praticas habituais) que as mulheres são sujeitos

<sup>16</sup> RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

<sup>17</sup> CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998. V. 1. 3ª edição.

<sup>18</sup> MAIA, Antônio C. **Sobre a analítica do poder de Foucault**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S.Paulo, 7 (1-2): 83-103, outubro de 1995.

<sup>19</sup> SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 15, n.2. p. 72-99, jul./dez. 1990.



históricos válidos, o termo “gênero” inclui as mulheres, sem lhe nomear, e parece, assim, não constituir uma forte ameaça (1990, p. 75).

O termo gênero é uma construção social, a qual foi sendo edificada pela sociedade e que estabeleceu os lugares dos sujeitos, sendo para muitos tido como natural [...] “a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e as mulheres”<sup>20</sup> (SCOTT, 1990 p. 75). Tendo a AIB um discurso bastante doutrinador e que classifica o feminino e o masculino na sociedade de forma definida, segundo Salgado (1947, p.93):

Dois erros são correntes na civilização atual no que concerne ao papel da mulher: o dos que pretendem que ela seja um simples bibelot, um ser vivendo apenas em função da sua feminilidade física; e o dos que, no extremo oposto, querem que ela exerça todas as funções do homem na sociedade, desde as fábricas e os campos até ao exercício de certas profissões, que contrariam a sua natureza.<sup>21</sup>

Para Plínio Salgado, chefe do movimento e que se apresentava como católico, o fato da mulher ser preparada para cuidar da casa e dos filhos era algo natural, ou seja, da sua natureza. O discurso sempre estava atrelado à religião e a Deus. Como forma de punição a mulher, ela deveria: seguir os preceitos cristãos; amar sua Pátria para que seus filhos também as ame, sendo a maternidade não apenas uma função física, mas principalmente uma função moral. O corpo feminino deveria ser constantemente vigiado e punido, pois, sob ele havia a responsabilidade da procriação, da perpetuação da espécie, segundo Silva (2004, p.5) “Através dos tempos, esses modelos ou perfis sociais produziram o sentido do “*corpo socialmente aceito*” como representantes de uma determinada sociedade e cultura”<sup>22</sup>.

O público era igualmente masculino, e, o privado menos feminino aponta Perrot (2005, p. 487) e a sociedade dos anos 30 está passando por mudanças nos seus hábitos que modificaram os espaços sociais, como aponta Oliveira (2002, p. 273) “Nas ruas do Recife as mulheres desfilam preocupadas com as regras do bom vestir perdendo aos poucos o anonimato, descortinando uma geografia que há pouco lhes revelara estranha.”<sup>23</sup> Sendo que o movimento integralista mesmo tendo em suas fileiras a classe média, que poderia se preocupar com o bom vestir, não deveria se ater a tais futilidades as quais seriam fruto do sistema capitalista e sem Deus.

<sup>20</sup> Ibid., p.75

<sup>21</sup> Ibid., p. 93

<sup>22</sup> SILVA, Giselda. B. **Corpo e Discursos**: uma abordagem Histórico-discursiva do corpo integralista como transgressor da ética e da moral cristã. 2004.

<sup>23</sup> OLIVEIRA, I. B. **Façamos a família à nossa imagem**: a construção de conceitos de família no Recife Moderno (1920-1930). Dissertação (Doutorado em História). UFPE/CFCH, 2002.



As mulheres integralistas foram chamadas na condição de exercerem o papel tradicional designado para a mulher na sociedade de 30: prestar auxílio ao próximo, educar crianças e jovens, mas lembrando dos perigos que a rua as oferecia. Segundo Perrot (2005, p.487) “No entanto as mulheres souberam tirar proveito dos espaços que lhe eram confiados ou deixados, para dar, a si mesmas, prazeres próprios e contrapoderes eficazes, usando suas armas para fazer o seu lugar”<sup>24</sup>. Elas foram atuantes e utilizaram dos mecanismos que lhes eram convenientes e transitaram, tanto no público como no privado, dando uma maior visibilidade as suas ações políticas e filantrópicas.

## CONCLUSÃO

A Ação Integralista Brasileira estimula a inserção de mulheres nas suas fileiras e as arregimenta no Departamento Feminino que tinha como função controlar as suas atividades. Por meio de tais atividades as mulheres estiveram presentes nesse espaço de poder, se aproveitando das lacunas que o sistema proporcionava tendo assim uma maior visibilidade. Em meados de 30, havia uma maior segregação entre os espaços público e privado sendo a mulher tolhida de frequentar os espaços públicos tido como território masculino, local de convivências entre os homens e proibidos para as mulheres. As mulheres ao fazerem parte da AIB poderiam através de práticas assistencialistas frequentarem esses espaços até então sacralizados pelos homens, mas exaltando através de discursos que seu lugar seria em casa, podendo até ir às ruas por necessidade financeira, mas sempre tomando cuidado com a sua imagem, a reputação de uma mulher era algo bastante valorizado. Estamos construindo um fio de Ariadne que liga a mulher a um movimento de cultura e político contando a trajetória dessas mulheres, seus locais de vivência dando voz a sujeitos que fizeram parte do movimento do Sigma e que através de documentos precisam ser vistos e retratados.

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 10ª edição.

---

<sup>24</sup> Ibid. p. 487.



BORELLI, Andrea. **Uma cidadã relativa**: As mulheres, as questões de gênero e o direito brasileiro – 1830 – 1950. São Paulo: DC&C Empresarial. 2010.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998. V. 1. 3ª edição.

MAIA, Antônio C. **Sobre a analítica do poder de Foucault**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S.Paulo, 7 (1-2): 83-103, outubro de 1995.

OLIVEIRA, I. B. **Façamos a família à nossa imagem**: a construção de conceitos de família no Recife Moderno (1920-1930). Dissertação (Doutorado em História). UFPE/CFCH, 2002.

PERROT, Michelle. **As Mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: Edusc, 2005.

POSSAS, L. M. V. **Vozes femininas na correspondência de Plínio Salgado (1932-38)**. Escrita de si, escrita da História. Â. d. C. Gomes. Rio de Janeiro, Editora da FGV:2004.

PRIORE, Mary Del. **Ao Sul do Corpo**: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

RAGO, Margareth. **Ser mulher no século XXI ou carta de alforria**. In: \_\_\_\_\_ VENTURI, Gustavo. RECAMÁN, Marisol. OLIVEIRA, Suely de.(Orgs.) A mulher brasileira nos espaços público e privado. 1º edição – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. P. 31-41. \_\_\_\_\_ **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SALGADO, Plínio. **A Mulher no século XX**. Porto: Livraria Tavares Martins, 1947.

SILVA, Giselda. B. **Corpo e Discursos**: uma abordagem Histórico-discursiva do corpo integralista como transgressor da ética e da moral cristã. 2004.

DOCUMENTOS PESQUISADOS:

**Diário de Pernambuco**

Quarta feira, 1 de janeiro de 1930.

Sexta-feira, 6 de janeiro de 1933.

Quinta feira, 24 de Novembro de 1932.

**Jornal Ação**. Quinzenário da propaganda integralista. Recife, 14 de Outubro de 1934.

**Prontuário Funcional N° 5996**. Arquivo Público Jordão Emerenciano – DOPS – PE.